

LUIZA NEVES

Especial

COM A PALAVRA: FÁTIMA DEITOS

PORTA RETRATO

Médica formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 1973, mestre e doutora em Psiquiatria e pós-doutora em Psicofarmacologia pela Universidade Complutense de Madri, Fátima Deitos conserva o orgulho de ter vindo da roça. Nascida no interior do Estado, onde hoje é o município de Serafina Corrêa, garante que o grande diferencial da vida dela foi ter sido criada por pessoas simples. Aos 4 anos, a menina do interior já sabia o que queria ser quando crescesse: “médica de cabeça”. A motivação para essa escolha era a necessidade de cuidar da mãe, a dona de casa Nazira, portadora de transtorno bipolar. Aos 69 anos de idade, entre uma consulta e outra no consultório onde atende todos os dias, a psiquiatra contou um pouco mais dessa história.

Diário de Santa Maria – A senhora quis ser psiquiatra para cuidar da sua mãe?

Fátima Deitos – Eu conheço depressão desde sempre. Se ainda existe preconceito com essa doença, imagine em 1947, ano em que nasci. Minha mãe padecia dessa doença, que se repetia em toda a nossa família, inclusive nos irmãos dela, que apresentavam quadros de anorexia, alcoolismo, baixa auto-estima, tabagismo e dificuldades em relacionamentos. Minha avó, Assumpta, morreu de tuberculose em um sanatório, em Porto Alegre, depois de vários períodos em que se recusava a comer. À época, era tida como teimosa. Minha bisavó, Amáble, era arredia e, nos seus últimos anos, simplesmente não queria ver ninguém nem fazer nada. Minha mãe, desde jovem, alternava períodos de grande euforia, com épocas de tristeza e isso se agravava com o tempo. Eu sempre dizia que tinha três mães, a brava, a boa e a doente. Chamavam-na de preguiçosa, brava... Mas eu sabia que era uma coisa na cabeça dela. Aos 4 anos, o meu avô me perguntou: “O que tu vais ser quando for grande?” Lembro-me que empinei o nariz e respondi: “Médica de cabeça”. E foi isso que me tornei e cuidei da mãe. Ela viveu maravilhosamente bem, até 80 e poucos anos.

Diário – E como a senhora realizou o desejo de ser médica?

Fátima – Eu nunca pensei em fazer outra coisa, estudar a “cabeça” foi o meu fascínio a vida inteira. Entrei na UFSM para fazer Psiquiatria. Formada, me esforcei para conseguir uma bolsa de estudos na Europa. Então, estudei na Espanha, com o presidente da Sociedade Mundial de Psiquiatria, doutor Juan Jose Lopez Ibor. Fiz mestrado, doutorado e pós-doutorado com ele, um homem fascinante. Chegar até lá foi muito importante. Em Porto Alegre, me recusaram quando eu disse que queria estudar para tratar a minha mãe. Engraçado, porque foi justamente esse o motivo do meu aceite. O professor interpretou de outra forma a minha motivação e entendeu que eu queria aprender de verdade.

Diário – Quanto tempo ficou na Europa?

Fátima – Em maio de 1974, fui para a Europa, onde fiquei 11 anos maravilhosos, com idas e vindas, é claro. Lá, não permitiam que a gente fosse psiquiatra,

sem ser neurologista. Então, na realidade a minha formação é neuropsiquiatria. Nas férias, de julho a agosto, o professor me dava cartões de acesso a vários lugares. Com o acesso como catedrática, eu já chegava aos lugares turísticos com uma baita apresentação. Então, tinha casa, comida e roupa lavada. De manhã, estudava e, à tarde, fazia turismo. Então, eu conheço praticamente toda a Europa. Falo daquela Europa viajada sozinha. Foi uma experiência muito bonita. Muitas vezes, chegava a países diferentes para fazer estágio sem entender nada da língua local e, ao sair, já entendia bem as pessoas. Depois, voltei para a UFSM, onde fiquei até me aposentar.

Diário – Como foi voltar para o Brasil depois deste longo período de aprendizado na Europa?

Fátima – Voltei para Santa Maria no período em que a UFSM fundava coisas novas. À época, eu era uma das poucas doutoras da universidade. Participei da fundação dos cursos de Educação Especial, do mestrado em Fonoaudiologia e do mestrado em Educação Física e Desenvolvimento Humano. Tenho vários livros escritos naquele tempo. Quando começava o semestre, dividia os alunos em grupos e começávamos a produzir os capítulos sempre com um tema diferente, além de inúmeros artigos científicos. Fiquei na UFSM durante 20 anos. Aos 50, me aposentei e resolvi viajar pelo Estado. Abri oito clínicas em diferentes cidades e, durante 15 anos, atendi pacientes do interior. Parei em 2014 para cuidar da saúde. De tanto ficar sentada nos consultórios e nas viagens, desenvolvi trombose nas duas pernas. Mas, já tratei e está tudo bem. Até hoje tenho pacientes que vêm de todo o Estado, e alguns de Santa Catarina, para fazer controle comigo.

Diário – Além de trabalhar, o que mais gosta de fazer?

Fátima – Sou apaixonada por obras de arte e uma leitora voraz. Toco gaita e piano, aprecio música clássica. Quando estudei na Europa, assistia vários



FOTOS ARQUIVO PESSOAL



Em dezembro de 1979, no início das atividades da Clínica Psicossocial, em Santa Maria (1). No mesmo ano, no XI Congresso Latino-Americano de Psiquiatria (2). Fátima assina 16 livros da Coleção Teorya e Pratika, da editora paulista Ícone (3). Aos 27 anos, modelo para o retrato do amigo Juan Amoretti (4)



concertos. Lá, aprendi muito de arte, já que, como estudante, entrava de graça nos museus. Sou fixada em História e, quando me interesso, investigo tudo de um personagem. Tipo um detetive, entende? Ler em vários idiomas facilita bastante este hábito. Minha música predileta é o *Canto dos Escravos*, trecho da ópera *Nabuco*, de Giuseppe Verdi.

Outra que gosto é *Carmina Burana*. É a coisa mais linda do mundo! Mas minha outra grande paixão são os meus pacientes. Meu relacionamento com eles é maravilhoso.

